

## ESCOLAS DO CAMPO, COMUNIDADES E UNIVERSIDADE: INTERCÂMBIO DE SABERES

Educação

Universidade Estadual do Paraná - campus Paranaguá (UNESPAR/Paranaguá)

CORRÊA, J.G.S.<sup>1</sup>; BERNARDO, L.C.<sup>2</sup>; ALVES, M.C.C.<sup>3</sup>; JUNIOR, C.D.M.<sup>4</sup>;

FERREIRA, V.C.S.<sup>5</sup>; MORAES, H.M.<sup>6</sup>

### RESUMO

O presente trabalho diz respeito às ações desenvolvidas pelo projeto de extensão Escolas do Campo, Comunidades e Universidade: Intercâmbio de Saberes, vinculado ao Programa Universidade Sem Fronteiras. O projeto tem a intenção de aproximar o campus Paranaguá da Unespar às comunidades camponesas da região do litoral do Paraná por meio de um intercâmbio de saberes entre acadêmicos e sujeitos do campo. As escolas básicas do campo nos servem de intermédio para tanto. Buscamos valorizar as histórias e memórias destas comunidades, promover o reconhecimento dos seus saberes e fazeres e sua utilização nas práticas educativas das próprias escolas do campo, bem como contribuir na formação das estudantes de pedagogia e demais licenciaturas ao levar para a universidade os conhecimentos próprios das comunidades e os conhecimentos sobre elas. Por meio de pesquisas bibliográficas e documentais, entrevistas e recolhimento de narrativas e histórias orais, temos levantado informações sobre as escolas e comunidades camponesas da região que têm servido para a produção de diversos eventos e materiais que cumprem o objetivo básico proposto, além de visibilizar e valorizar as escolas e comunidades camponesas do litoral do Paraná, contribuindo para reconhecer os sujeitos do campo como sujeitos que têm direito à educação e, mais ainda, à uma educação que atenda às suas especificidades.

**Palavra-chave:** educação do campo; educação básica do campo; litoral do Paraná.

### 1 INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> João Guilherme de Souza Corrêa, docente (Coordenador/Orientador).

<sup>2</sup> Luana Carla Bernardo, bolsista recém-formada em Pedagogia (Coordenadora).

<sup>3</sup> Michelle Cristina Correia Alves, estudante bolsista (Pedagogia).

<sup>4</sup> Claudenir Dias de Miranda Junior, estudante bolsista (Pedagogia).

<sup>5</sup> Vitória Cristina da Silva Ferreira, estudante bolsista (Pedagogia).

<sup>6</sup> Hérika Meira de Moraes, estudante bolsista (Pedagogia).

O presente trabalho se refere às ações do projeto de extensão “Escolas do campo, comunidades e universidade: intercâmbio de saberes”, vinculado ao programa de extensão “Universidade Sem Fronteiras” (Fundo Paraná/SETI). De maneira geral, o projeto nasceu com a proposta de fazer uma aproximação da universidade – especialmente suas licenciaturas – com as comunidades camponesas do litoral do Paraná, tendo por intermédio as professoras e pedagogas das escolas do campo. Para tanto, buscamos valorizar as histórias e memórias destas comunidades, promover, em diálogo com elas, o reconhecimento dos seus saberes e fazeres e sua utilização nas práticas educativas das escolas do campo. Buscamos ainda contribuir na formação das pedagogas ao levar para a universidade os conhecimentos próprios das comunidades e os conhecimentos sobre elas. Além do mais, o projeto também objetivou promover ações de difusão dos saberes tradicionais das comunidades e de suas respectivas escolas dando visibilidade às culturas locais por meio de publicações, palestras e exposição de elementos da educação e cultura do campo à comunidade em geral.

## **2 METODOLOGIA**

Entramos em contato com as Secretarias Municipais de Educação. Por meio delas conseguimos a liberação para as visitas e os números de telefone para que os agendamentos fossem feitos. Em seguida decidimos quais escolas elegeríamos para visitar. Nossas escolhas foram feitas pensando em capturar, dentro dos limites deste projeto, a diversidade da população camponesa no litoral (pescadores, comunidades tradicionais, agricultores familiares, acampados da reforma agrária, quilombolas, indígenas, etc.). Visitamos inicialmente quatro escolas em Paranaguá, sendo duas em ilhas e duas em colônias<sup>7</sup>, duas escolas em Morretes e uma em Antonina, totalizando sete escolas visitadas. Como foi dito, em função das limitações do projeto, seria necessário fazer escolhas quanto ao número de escolas com que trabalharíamos. Optamos por trabalhar com

---

<sup>7</sup> Embora as duas localidades de ilhas escolhidas estejam, do ponto de vista geográfico, no continente, pela forma de acesso (exclusivamente marítimo) e, principalmente, pelas características socioculturais, elas se definem como ilhas da baía de Paranaguá, sendo reconhecidas assim pelas secretarias estadual e municipal de educação. Por sua vez, Colônias são as áreas privadas rurais de produção agrícola do município de Paranaguá e que surgiram como tal a partir da ocupação por imigrantes (sobretudo europeus) no final do século XIX.

quatro escolas: uma escola em região de colônia em Paranaguá, duas escolas em região de pequenos produtores e acampados da reforma agrária em Morretes e Antonina e uma escola em região de comunidades tradicionais - caiçaras e pescadores artesanais - também em Paranaguá. Foi realizada uma formação com a equipe sobre métodos qualitativos de pesquisa em ciências humanas e sobre a natureza da extensão universitária. Na sequência, foram feitas diversas visitas à cada uma das escolas e também à sua respectiva comunidade para conhecer o território, conversar e entrevistar professoras e moradores. Para esse momento, utilizamos métodos qualitativos, que, por vezes, se mesclavam. O método da narrativa e da narrativa autobiográfica (GALVÃO, 2005), entrevistas abertas e semiestruturadas e história de vida e história oral (HAGUETE, 1987). Durante todo o projeto também foi feito, a respeito das comunidades, um amplo levantamento bibliográfico em teses, dissertações, monografias, artigos, relatórios técnicos, textos jornalísticos e em redes sociais e etc.) e documental, junto à órgãos públicos (prefeituras e secretarias) e fontes particulares (Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, professoras, moradores, lideranças comunitárias).

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O documento *Diretrizes operacionais para a educação básica das escolas do campo*, define que “a identidade da escola deve ter vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se nos saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva (...)” (BRASIL, 2002). Nessa mesma perspectiva, Arroyo (2012) considera que a escola do campo “deve ser o espaço em que sejam incorporados os saberes da terra, do trabalho e da agricultura camponesa; em que as especificidades de ser-viver a infância-adolescência, a juventude e a vida adulta no campo sejam incorporadas nos currículos e propostas educativas; em que os saberes, concepções de história, de sociedade, de libertação aprendidos nos movimentos sociais façam parte do conhecimento escolar” (p. 363). Considerando isso é que o projeto, ouvindo as comunidades e contando com sua participação ativa, tem proposto uma série de práticas para efetuar seus objetivos. Na sequência vamos procurar resumi-las:

Escrevemos um relato de experiência sobre as primeiras visitas que a equipe fez às escolas e aos seus territórios, fazendo uma espécie de etnografia

e promovendo o “estranhamento” necessário por parte dos bolsistas a fim de permitir reflexões. Realizamos no auditório do campus e em parceria com a disciplina de Pesquisa em Educação II, do curso de Pedagogia, uma palestra para estudantes de graduação sobre educação escolar indígena. Os ministrantes da palestra foram os próprios membros da equipe escolar de uma escola indígena<sup>8</sup> de Pontal do Paraná, incluindo um professor e um funcionário indígena. Houve também a exposição de artesanato da comunidade. Promovemos ainda uma Aula Pública na universidade para apresentar às escolas do campo e às comunidades com as quais estamos trabalhando. A aula foi ministrada pelos próprios bolsistas e contou com a presença de mais de 100 estudantes ouvintes, de diversas graduações. Está sendo preparado um evento em formato de painel. Nele pretendemos organizar mesas com os membros da comunidade escolar envolvida no projeto e de lideranças comunitárias para falar sobre realidade da sua escola e de seu entorno. Ainda pretendemos promover oficinas de saberes-fazeres típicos dos locais, exposição fotográfica e de artesanato e uma palestra sobre o atual cenário da educação do campo no país. O evento será aberto a todos ao público em geral. Por fim, umas das coisas mais significativas que o projeto tem trabalhado e que é resultado da troca de saberes e colaborações entre bolsistas e as comunidades camponesas é a confecção de cadernos pedagógicos sobre as escolas e seus territórios e sujeitos. A construção desse material foi definida a partir das reuniões realizadas com as professoras, uma vez que foi consensual o diagnóstico sobre a ausência de algum material de formação específico que tratasse das particularidades locais. Estamos escrevendo estes cadernos com ajuda de referências bibliográficas existentes sobre os locais, a partir entrevistas que realizamos com moradores, lideranças e professoras e levantamentos em fontes documentais. Serão quatro cadernos e cada um versará sobre a i) região onde está localizada a escola (uma breve história e uma sucinta descrição de suas características socioeconômicas atuais); ii) a história da escola e de características de sua cultura própria; iii) um inventário de tradições e manifestações culturais e iv) uma apresentação de

---

<sup>8</sup> Embora Educação do Campo e Educação Escolar Indígena não sejam, do ponto de vista legal, a mesma coisa, elas compartilham de fundamentos em comum, como a sua diferenciação em relação à educação urbana e a valorização e inclusão de elementos próprios de sua cultura no currículo e nas práticas pedagógicas.

perspectivas, conflitos e contradições da comunidade e da escola. A previsão é de que os cadernos fiquem prontos em setembro e que sejam apresentados às comunidades antes de serem publicados em sua versão final, que será, no mínimo em formato eletrônico. Depois de finalizados, vamos disponibilizar esses cadernos às escolas para que as professoras façam livre uso deles e para a formação dos estudantes de licenciatura da Unespar.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto tem conseguido aquilo que se propôs. Antes da inclusão de uma disciplina de educação do campo há três anos no currículo do curso de pedagogia e antes da execução deste projeto, as comunidades camponesas e suas escolas eram inexistentes nas discussões acadêmicas locais. O projeto tem conseguido colocar em evidência esses locais e apresentar à comunidade acadêmica suas histórias, seus saberes e fazeres. Isso tem contribuído para fortalecer entre estudantes a consciência da importância das escolas do campo, reconhecendo os sujeitos do campo como sujeitos de direitos. Outro resultado importante tem sido a realização do próprio intercâmbio de saberes, onde não só a universidade leva às comunidades objetos da ação extensionista suas concepções epistemológicas, mas também aprende humildemente com e sobre os saberes delas.

#### **REFERÊNCIAS**

ARROYO, Miguel G. Formação de Educadores do Campo. *Dicionário da Educação do Campo*. Org. CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE). *Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002: institui diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo*. Diário Oficial da União, 9 abr. 2002.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. *Ciência & Educação (Bauru)*, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 327-345, ago. 2005. Disponível em: [encr.pw/Ujzca](http://encr.pw/Ujzca). Acesso em: 31 mar. 2022.

HAGUETE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1987.